

Construindo a Nação Arco Íris¹: esporte e identidade nacional em *Invictus*

Ronaldo Helal²

Fausto Amaro³

Resumo: Esporte e cinema são exemplos de produtos da indústria cultural, o que os torna excelentes para uma análise comunicacional e sociológica. Neste sentido, o presente artigo pretende analisar criticamente o filme *Invictus*, baseado no livro homônimo de John Carlin. Adotamos, para tanto, os conceitos principais de identidade nacional e do mito do herói. A história de *Invictus* é apenas mais um exemplo de como o esporte possui um caráter unificador, sendo vital para a formação dos Estados Nações. Sob o lema “um time, uma nação”, os Springboks⁴ foram responsáveis por um dos episódios históricos mais marcantes do século XX. Ainda exploramos algumas vertentes paralelas, como a idolatria por Nelson Mandela e por François Pienaar, e a conversão do esporte em um produto com fins políticos.

Palavras-chave: esporte; identidade nacional; África do Sul

Abstract: Sports and movies are examples of products of the cultural industry, which makes them excellent for a sociological and communication's analysis. In this sense, this article aims to critically analyze the film *Invictus*, based on the homonymous book written by John Carlin. For this, we adopted the main concepts of national identity and the myth of the hero. The history of *Invictus* is just another example of how sport has an unifying character, being vital for the formation of the National States. Under the motto “one team, one nation”, the Springboks were responsible for one of the history's most remarkable fact of the twentieth century. We also explore some parallel strands, such as the idolatry for Nelson Mandela and François Pienaar, and the conversion of sport into a product for political purposes.

Keywords: sport; national identity; South Africa

¹ A alcunha nação arco íris provém do ideal de uma nação multiracial, onde “diferentes etnias podem conviver harmoniosamente lado a lado uma da outra, como as cores do arco-íris” (Farquharson e Marjoribanks, 2003:31, tradução nossa).

² Professor (PPGCOM/UERJ). Pós-Doutor (Universidade de Buenos Aires). Líder do Grupo de Pesquisas em Esporte e Cultura (UERJ). Email: rhelal@globocom.com. Cv Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8912160484639720>

³ Graduando em Comunicação Social (FCS/UERJ). Membro do Grupo de Pesquisas em Esporte e Cultura da UERJ. Email: faustoarp@hotmail.com

⁴ Do africâner, spring=salto mais bok=cabra.

O cinema norte-americano deste início de século tem retratado muitos episódios marcantes da história. Hollywood percebeu que esse é um filão lucrativo e que possui vasto conteúdo, digno de produzir excelentes roteiros cinematográficos. Não obstante, a temática desses filmes históricos normalmente concerne a batalhas épicas, guerras mundiais ou momentos marcantes dos países desenvolvidos. Incomum é vermos uma obra como *Invictus*, na qual o fator humano e uma nação africana são elementos-chave para a narrativa. Não há sangue, sexo nem violência explícita e o único campo de batalha, ainda que simbólico, é o estádio de rúgbi.

A proposta deste artigo é abordar como a história da Copa do Mundo de Rúgbi de 1995 foi retratada no filme *Invictus*, baseado na obra homônima de John Carlin. O filme apresenta a África do Sul no período posterior a libertação de Nelson Mandela, já o livro traz informações também sobre o período anterior a esse fato. Acreditamos que a transposição da história do livro para o filme é feita com bastante sucesso por ser tratar de uma obra de massa, com fins de entretenimento, o que facilita essa transição por diversas mídias (Sodré, 1988: 17).

No artigo “Campos dos Sonhos: esporte e identidade cultural” (Helal, 2000) já se enxergava a potencialidade dessa relação entre cinema e esporte, e o campo de reflexão sobre a contemporaneidade aberto em consequência disso.

O cinema possui longa vinculação com o esporte. Vários esportes, em contextos socioculturais diferenciados e com diversas temáticas foram focalizados pelo cinema. Esse rico e diversificado acervo merece ser trabalhado pela reflexão e até mesmo utilizado como canal de divulgação e educação (Helal, 2000:70)

A análise do filme *Invictus* traz inevitavelmente a questão do papel do esporte como ferramenta para a promoção da integração nacional e da construção de uma identidade coletiva, acima de raças, credos e preconceitos. Entendemos que para a construção identitária da nação sul-africana é o esporte o verdadeiro protagonista. Ele é o meio pelo qual o objetivo político-social de Mandela se concretiza.

Nessa análise, para compreendermos a importância do esporte no contexto de segregação que a África do Sul vivia, tivemos que buscar outras fontes⁵, além do filme e do livro, para construir uma visão mais completa e abrangente. Utilizamos fontes historiográficas e sociológicas sobre a realidade sul-africana anterior e também posterior a Copa do Mundo de Rúgbi.

Dividimos este artigo em quatro partes. Na primeira, para contextualizar o filme, traçamos um pequeno resumo da história sul-africana e do apartheid. Em seguida, relatamos brevemente a história do rúgbi no mundo e também na África do Sul, com destaque aos Springboks. Em um terceiro momento, já embasado pelos tópicos anteriores, fazemos uma sinopse do filme, tendo como foco a narrativa em torno do papel do esporte para a integração nacional. Por

⁵ Todas as citações em outro idioma são seguidas por uma nota de rodapé contendo a tradução do trecho em questão. Traduções feitas livremente pelos autores.

último, analisamos a trajetória de vida de Nelson Mandela, personagem central do filme e da história sul-africana. Em todos os momentos do texto, procuramos aludir a fatos abordados explícita ou implicitamente na obra *Invictus* (filme e livro).

Contexto histórico: O apartheid, a realidade anterior ao filme

South Africa is a country of two nations[...] One [...] is white, relatively prosperous, regardless of gender or geographic dispersal. [...] The second and larger nation of South Africa is black and poor⁶.

Apesar de ser um país situado no continente africano, a África do Sul desde sua colonização sempre contou com consideráveis contingentes populacionais de origem européia (africâneres⁷ e ingleses) e asiática (indiana, majoritariamente). Mesmo nos dias de hoje, a distribuição populacional se dá da seguinte maneira⁸: Brancos (9,2%); Negros (79,4%); *Coloured* (8,8%); Indianos/Asiáticos (2,6%).

Assim como no Brasil, nos Estados Unidos e em outras nações coloniais, na África do Sul, o racismo como sistema ideológico marcou a transição entre o regime colonialista e a independência nacional. Inicialmente, a segregação e a inferiorização do negro eram sustentadas pelo poder coercitivo dos senhores de escravos. Posteriormente, adotou-se a justificativa da inferioridade biológica e cultural dos indivíduos marginalizados pela ordem então vigente. Na África do Sul, o racismo durante o apartheid não era apenas um discurso ideológico para justificar a desigualdade, mas sim, um sistema político e social de reprodução e perpetuação de tais desigualdades (Guimarães, 1999).

Em seu artigo “Cidadania, identidade racial e construção nacional na África do Sul”, Neville Alexander fala sobre o caráter singular da segregação racial na África do Sul. Ele afirma: “Não lidamos aqui com a síndrome de uma minoria. Os sul-africanos negros, aqueles que eram oprimidos e explorados na ordem social anterior por conta da cor de sua pele, constituem a maioria da população da África do Sul” (Alexander, 2003: 126).

⁶ South Africa: Two Nations”, discurso do vice-presidente Thabo Mbeki na abertura do debate sobre a reconciliação e construção nacional. Assembléia Nacional, 29 de maio de 1998. Citado por Hadland e Rantao, apud Ansell 2006:341. Tradução: África do Sul é um país de duas nações [...] [...] Uma é branca, relativamente próspera, independentemente do sexo ou da dispersão geográfica. [...] A segunda e maior nação da África do Sul é negra e pobre.

⁷ Os africâneres são os descendentes dos colonizadores holandeses, alemães e franceses huguenotes, que chegaram ao continente africano no século XVII. Homens do campo, acostumados ao trabalho duro, também são conhecidos como bôeres. A retidão de caráter e a honestidade dos membros desse povo eram admiradas por Mandela, a despeito da violência que dirigiam aos negros. São diferentes dos africanos brancos “ingleses”. Estes são descendentes dos colonizadores provenientes das ilhas Britânicas, que no final do século XVIII vieram para a África do Sul. (fonte dessa descrição: site do governo sul africano <http://www.southafrica.info/about/people/population.htm>)

⁸ Dados de 2010. Fonte: Statistics South Africa(<http://www.statssa.gov.za>).

Retrocedendo historicamente, vemos que desde o início da colonização, no século XVII, a minoria branca dominava o país e segregava a maioria negra. No entanto, essa segregação só se tornou oficial em 1948, no governo do primeiro-ministro Daniel François Malan, um típico africâner. Com o apoio financeiro inglês, o regime do apartheid tornou legal inúmeras práticas que excluíam o negro da vida social e política.

O regime do apartheid foi mantido até a década de 1990, mesmo sob forte oposição da comunidade internacional. Nesse espaço de tempo, a população negra não tinha direito a voto nem a representação política, e o seu principal partido o CNA (Congresso Nacional Africano) era considerado ilegal desde 1960. O grupo político dominante era o Partido Nacional, formado majoritariamente pelos brancos africâneres. Essa realidade começou a mudar em 1990, sob o governo do presidente Frederik Willem de Klerk. Em fevereiro daquele ano, ele liberta Nelson Mandela, principal representante do CNA. A partir daí, se iniciam conversas entre o Partido Nacional e o CNA para a realização de eleições democráticas em 1994. O pleito foi efetivamente realizado em abril daquele ano, com Nelson Mandela conseguindo se eleger o primeiro presidente negro da África do Sul. Aliás, esta eleição foi a primeira pluripartidária e pluriracial na história da nação sul-africana.

A transição pacífica para uma democracia representativa foi uma grande conquista para a África do Sul. No entanto, pode-se dizer que a união plena e a ratificação do governo só foi alcançado graças ao rúgbi. Em *Invictus*, na final da Copa Mundo de Rúgbi, os gritos da torcida (em sua maioria formada por africâneres) de “Nelson, Nelson” sacramentam a vitória nas urnas de Mandela no ano anterior. Antes disso, como fica claro no livro, ainda existiam dúvidas entre os brancos sobre a sua legítima autoridade como líder da nação sul-africana.

No filme, vemos como a África do Sul pela sua diversidade étnica e linguística encontrou no rúgbi um excelente símbolo de união da nação, para além dos símbolos oficiais. Assim como no Brasil, onde o futebol é tanto uma prática coletiva quanto um símbolo nacional (Schneider, 2004), na África do Sul de Mandela esperava-se que o rúgbi também acabasse ocupando esse papel a partir da final da Copa do Mundo.

Esporte na África do Sul: o rúgbi e os Springboks

Os esportes mais populares na África do Sul – o rúgbi, o futebol e o críquete – são influência de sua colonização britânica⁹. O império britânico via o esporte como uma forma de socializar os nativos no jeito britânico de viver (Merwe, 2006). Damos ênfase apenas ao rúgbi devido a própria temática deste artigo. Não obstante, cabe lembrar que o futebol, conhecido pelos sul-africanos como “The People’s Game”, sempre teve a preferência dos negros, a maioria da população sul-africana, mesmo que sua seleção nacional não figurasse nem entre as melhores de seu continente.

⁹ Para mais informações, acesse <http://www.southafrica.info/about/sport/sportsa.htm>

O nome *rúgbi*, segundo a versão aceita pela *International Rugby Board* (IRB), provém da cidade de Rugby na Inglaterra, provável lugar onde esse esporte surgiu. Muitas teorias apontam para outros países de origem, contudo a mais aceita é essa. As aproximações do *rúgbi* com o futebol remontam às suas próprias origens. Diz-se que William Webb Ellis, um estudante de uma escola da cidade de Rugby, decidiu atingir a meta adversária correndo com a bola nas mãos, por desconhecimento das regras. Nisso, os outros jogadores fizeram de tudo para conter o seu avanço em direção a meta adversária. Desse fato, originou-se o “Rugby Football”, ou seja, o futebol como era praticado na cidade de Rugby.

No século XIX, período de seu surgimento, o *rúgbi* era um esporte extremamente violento e que causava até mortes. Sendo disputado por 20 jogadores, e não 15 como é hoje, o contato físico era muito maior, devido ao menor espaço livre dentro de campo. Em 1871, esse cenário violento começou a mudar com o estabelecimento de regras mais rígidas que toliram algumas práticas perigosas do jogo (Chaduneli, 2007). Digno de lembrança é o fato de que o *rúgbi* só foi profissionalizado em 26 de agosto de 1995, quando a IRB permitiu que os clubes pagassem salários a seus atletas. (Ibid).

Por seu caráter fortemente coletivo e baseado nos laços, não apenas profissionais mas de amizade entre os jogadores, o *rúgbi* serviria ao propósito de celebrar a união de uma nação, o júbilo do ideal de coletividade. Alguns valores presentes na filosofia do *rúgbi* foram demarcados por Chaduneli:

En el rugby se enseña a respetar al perdedor, sin el cual no existiría un ganador; respetar al rival, quien no se considera como enemigo, sino como un amigo al que se enfrenta solamente en la cancha, pero quien fuera de ella vive con el mismo amor y pasión este deporte; todos los roces ocurridos durante el partido se olvidan y los rivales celebran el festivo del rugby llamado ‘tercer tiempo’, haciéndose amigos y acercándose más uno a otro. Sin este espíritu de verdaderos caballeros el rugby nunca saldría del cliché de deporte violento (Chaduneli, 2007: 120)¹⁰.

Na África do Sul, a Seleção Nacional de *Rúgbi* é tradicionalmente conhecida pelo nome de Springboks. Ao contrário da fraca seleção nacional de futebol, os BafanaBafana, o Springboks é uma equipe vitoriosa e que ostenta históricos positivos contra quase todas as outras nações. No site *southafrican.info*, vemos a seguinte afirmação: “todo jovem sul-africano talentoso sonha em um dia usar o ‘verde e dourado’”¹¹. Para os africanos, o sucesso internacional dos Springboks era um símbolo da suposta superioridade

¹⁰ Tradução: No *rúgbi* é ensinado a respeitar o perdedor, sem o qual não haveria um vencedor; a respeitar o adversário, que não é visto como inimigo, e sim como um amigo que se enfrenta somente no campo, mas que fora dele vive com o mesmo amor e paixão este esporte; todos os atritos ocorridos durante o jogo se esquecem e os rivais celebram o feriado do *rúgbi*, chamado “terceiro tempo”, tornando-se amigos e aproximando-se mais uns dos outros. Sem este espírito de verdadeiros cavalheiros, o *rúgbi* nunca sairia do clichê de esporte violento.

¹¹ Tradução nossa para *Every talented South African youngster dreams of one day wearing “the green and gold”*.

racial: “[...] cricket and rugby were often seen as a means of creating unity amongst the whites and to maintain social distance from the rest of the population”¹² (Merwe, 2006: 3). No período posterior a 1995, os Springboks passaram a ser um símbolo de identidade nacional e da união entre negros e brancos.

A Copa do Mundo de Rúgbi, assim como a de futebol, ocorre a cada quatro anos. A Copa de 1995, retratada no filme, é apenas a terceira edição desse torneio (a primeira após a profissionalização do rúgbi). Anteriormente ela havia sido disputada nos anos de 1987 e 1991, onde Nova Zelândia e Austrália sagraram-se campeãs respectivamente. Nessas edições, a África do Sul não havia sequer participado, já que até 1992 estava banida de disputar competições internacionais por manter o regime do apartheid em seu território. Graças a suas conquistas no rúgbi, os Springboks, junto com os All Blacks (seleção neozelandesa) e os Wallabies (seleção australiana) são considerados os três grandes do hemisfério sul. O filme dedica uma de suas partes à explicação da dinâmica da Copa, quando o Ministro dos Esportes ensina seus princípios básicos a Mandela.

A aceitação definitiva da África do Sul negra à Seleção nacional de rúgbi veio graças às ações de RP¹³ adotadas pela Federação de Rúgbi durante a Copa de 1995 e foi sedimentada com a adoção do termo “Amabokoboko”, alcunha que os negros deram a seleção nacional, e da canção “Shosholoza”¹⁴ como tema dos Springboks naquela competição. Durante o filme, na comitiva em direção ao estádio, se olharmos atentamente, em uma das cenas vemos um outdoor exaltando os “Amabokoboko”, com imagens de Pienaar e Chester.

Um pequeno paralelo pode ser feito entre o rúgbi na África do Sul e o futebol no Brasil. Aqui, nas primeiras décadas do século XX, o futebol inicialmente era praticado pelas elites e era considerado um evento da alta sociedade. Com a sua profissionalização, ele acabou se popularizando entre as classes mais baixas da população e tomando o formato de espetáculo das massas que hoje possui. Na África do Sul, o rúgbi era o esporte preferido dos africanos, a elite, e, por isso, odiado pelo resto da população, que era, em sua maioria, negra. Os negros preferiam praticar o futebol, já que não se viam representados pela seleção nacional de rúgbi, os Springboks. No filme, vemos o começo da mudança desse cenário, capitaneada pelo slogan “Um time, uma nação”.

Outra semelhança conosco pode ser encontrada em Roberto DaMatta (2002) quando este afirma que foi através do futebol que “o povo [brasileiro] pôde finalmente juntar os símbolos do Estado nacional (a bandeira, o hino e as

¹² Tradução: Críquete e rúgbi eram muitas vezes vistos como uma forma de criar unidade entre os brancos e para manter a distância social do resto da população.

¹³ Para maiores informações sobre a atuação de Luyt e a campanha de Relações Públicas da Federação de Rúgbi ver Grundlingh (1998).

¹⁴ Em zulu Shosholoza, significa “siga em frente” (tradução nossa). Inicialmente era cantada pelos negros que trabalhavam nas minas como um canto contra opressão. Com o tempo virou uma canção anti-apartheid e um hino informal dos negros nos estádios da África do Sul.

cores nacionais) [...] aos seus valores mais profundos”. No caso sul-africano, o papel do rúgbi foi ainda mais emblemático, visto que a África do Sul acabara de instituir um novo hino e uma nova bandeira, em substituição ao hino e a bandeira do apartheid.

O que é importante para nossa análise neste tópico é salientar a importância que o rúgbi possui na sociedade sul-africana e como ele foi responsável por uma mudança social simbólica em 1995¹⁵.

***Invictus*: sinopse do filme**

The victory of the Springboks in the 1995 Rugby World Cup was considered by many media commentators, politicians and sporting identities at the time to be symbolic of both the end of apartheid and of the way forward to reconciliation in South Africa¹⁶ (Farquharson e Marjoribanks, 2003: 28).

Baseado no livro *Invictus* de John Carling, o filme de Clint Eastwood reconta os bastidores da Copa do Mundo de Rúgbi de 1995, com Morgan Freeman no papel de Mandela e Matt Damon no de Pienaar. Dois grandes ídolos do cinema interpretando dois heróis sul-africanos. A valorização desses dois personagens é latente nas peças de divulgação do filme, como cartazes e capas de DVD.

Aclamado pela crítica, *Invictus* concorreu ao Oscar nas categorias Melhor Ator e Ator Coadjuvante, e ao Globo de Ouro nas categorias Melhor Direção, Ator e Ator Coadjuvante. Vemos, assim, que não apenas sua temática é relevante, como o próprio filme em si é uma obra cinematográfica digna de análise.

O filme começa cronologicamente em 11 de fevereiro de 1990, ano da libertação de Mandela. A primeira tomada se dá em um treinamento de rúgbi. O gramado é muito bem cuidado, e os jovens jogadores brancos estão impecavelmente trajados para a prática do esporte. Do outro lado da rua, a realidade é totalmente oposta. Vemos jovens negros, com roupas sujas rasgadas, jogando futebol em um local totalmente improvisado e em péssimas condições. Logo no início, já temos um retrato da África do Sul segregada em dois campos distintos durante o apartheid.

Desde a libertação de Mandela, quatro anos se passam em um simples corte cinematográfico e já temos as cenas dos negros votando pela primeira vez em uma eleição multirracial e democrática no país. Em seguida, temos a cerimônia de posse de Mandela e escutamos uma parte de seu pronunciamento.

¹⁵ Ver o prefácio de Eric Dunning para o livro *A busca da excitação* (referências completas na bibliografia). Nele, é relatada a indiferença que os sociólogos demonstravam até então com o esporte. Ao falarmos sobre a importância social do rúgbi vamos ao encontro da defesa que Dunning faz sobre os estudos sociológicos acerca do esporte.

¹⁶ A vitória dos Springboks na Copa do Mundo de Rugby de 1995 foi considerado por muitos comentaristas da mídia, políticos e ícones esportivos na época de ser simbólico de ambos o fim do apartheid e do caminho para a reconciliação na África do Sul.

Em suas palavras percebemos claramente a intenção do herói em redimir seu povo: “Nunca, nunca e nunca mais, essa linda terra, experimentará de novo a opressão de um sobre o outro, e sofrerá a indignidade de ser a escória do mundo”. “Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) já haviam chamado a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem somente para si, os *heróis devem agir para “redimir a sociedade”* (Helal, 2003: 225 / grifos nossos).

Na primeira aparição de Pienaar, podemos vê-lo com sua família e presenciemos o “discurso” de seu pai temendo pelo que poderia acontecer com eles dali em diante. Esse temor em relação ao governo de Mandela era compartilhado pela maioria dos brancos do país. Apesar disso, Pienaar parecia não compactuar com as idéias do pai. Isso se confirma quando ele destina à sua empregada (negra) um dos ingressos que ganhou para a final da Copa.

Os embates raciais, resquícios do apartheid, que ocorriam em nível nacional também ocorrem ao redor de Mandela. Ao chegar no gabinete presidencial pela primeira vez, ele se depara com os funcionários brancos empacotando seus pertences por esperarem demissões em massa. Mandela pede que Brenda, sua secretária, os reúna. Diante disso, ele passa uma mensagem tranquilizadora para todos e pede que eles fiquem e contribuam para as mudanças que ocorrerão no país. Vemos também a indignação de Jason Tshabalala, o chefe-de-segurança de Mandela, pela nomeação de quatro seguranças brancos para compor a equipe. Justificando tal decisão, Mandela diz: “A Nação arco-íris começa aqui. A reconciliação começa aqui [...] O perdão também começa aqui”.

Durante todo o filme, muitas são as cenas que explicitam a aversão que os negros tinham pelo rúgbi. Em uma delas, no túnel que dava entrada ao gramado da partida entre Inglaterra e África do Sul, um dos seguranças negros afirma categoricamente para o outro, branco: “Odeio rúgbi.” Nessa mesma partida, assistimos a comemoração dos negros quando a Inglaterra converte um ponto. Essa cena não passa despercebida aos olhos de Mandela, que faz a seguinte constatação para Brenda: “Todos os brancos estão torcendo para os Springboks. E todos os negros estão torcendo pela Inglaterra”.

Outra cena emblemática da aversão ao rúgbi que os negros sentiam se dá em uma igreja, aonde ocorria a distribuição de roupas a crianças e jovens carentes. Uma das voluntárias, branca, oferece a um garoto negro uma camisa oficial de treino dos Springboks, o que ela considera uma verdadeira sorte do garoto. Ele rejeita a camisa e sai porta afora. A moça não entende a situação e pergunta para a outra voluntária, negra, o porquê daquilo ter ocorrido, no que esta lhe responde: “Para eles, os Springboks ainda representam o apartheid”.

Frente a esse cenário, Mandela busca no rúgbi uma utilidade política de disciplinador das massas. DaMatta (2002) falava que essa era uma das funções do esporte no mundo moderno. Para Mandela, era correto apoiar o rúgbi, um dos símbolos do regime que o oprimiu, contanto que ele contribuísse para construção da nova nação sul-africana.

Voltando ao filme, uma importante questão é colocada por Mandela durante um chá com Pienaar: como fazer com que as pessoas se saíam melhores

do que elas julgam ser? Ele mesmo a responde afirmando que você deve inspirá-las. Mandela utilizava o poema vitoriano *Invictus*¹⁷ como sua fonte de inspiração nos tempos de prisão. “Apenas palavras, mas que ajudaram a me levantar quando tudo que eu queria era deitar.[...] Precisamos de inspiração, François. Porque para construirmos a nossa Nação temos que exceder todas as nossas expectativas”. E essa inspiração é dada à Pienaar um dia antes da partida inicial da Copa, na forma do poema supracitado escrito à mão por Mandela.

Em outro momento do filme, quando vão treinar em uma das comunidades carentes, parte da campanha de relações públicas do Springboks, todas as crianças negras saúdam inicialmente apenas Chester, o único negro da equipe. Ao final do treino, o ônibus sai festejado da comunidade, as crianças ganham bolas de rúgbi e é instalada uma placa com o slogan “One Team, One Country” (Um time, um nação, em português). Ao ver no noticiário, no meio de uma de suas reuniões governamentais, a imagem das crianças negras se divertindo com a seleção de rúgbi, Mandela diz: “Aquela imagem vale mais que qualquer discurso”, reconhecendo mais uma vez a transformação que ocorria em seu país graças ao esporte.

A África do Sul entra na Copa do Mundo sem ostentar nenhum tipo de favoritismo, mesmo sendo a anfitriã do torneio. No jogo de abertura a África do Sul enfrentaria os australianos. Os sul-africanos deveriam ganhar aquele jogo para conseguir uma classificação sem sobressaltos para as rodadas finais. Os Springboks conseguem ganhar da Austrália. Nas quartas-de-final, enfrentam Samoa Oriental e o placar é 42 a 14 para os sul-africanos.

Uma curiosidade: o filme deixou de relatar dois jogos anteriores às quartas-de-final contra Samoa. Na rodada classificatória, os Springboks ainda enfrentaram a Romênia e o Canadá¹⁸, ganhando os dois jogos por, respectivamente, 21-8 e 20-0. Nessa situação, fica evidente a edição cinematográfica, visando apenas os jogos mais importantes da competição. A partida semi-final contra a França, que os Boks ganharam por 19 a 15, foi rapidamente retratada no filme em menos de 2 minutos. Assim, “devemos levar em conta que na grande tela tudo pode ser ressaltado, escondido, romanceado e mesmo inventado, diante dos espectadores” (Gorito, 2008: 7).

Na partida final, o confronto era contra a Nova Zelândia, que havia ganhado da Inglaterra na semifinal do torneio. Até então, os “All Blacks” eram os favoritos incontestáveis da Copa do Mundo.

No dia do jogo decisivo, na entrada do estádio Ellis Park, só vemos bandeiras e camisas com o novo símbolo nacional, mesmo que a maioria dos presentes no estádio fossem africanos como adiantou o chefe de segurança de Mandela na reunião de planejamento: “Não será uma nação colorida lá fora [no estádio]”. Dentro do estádio, também vemos muitas bandeiras da nova África do Sul.

¹⁷ *Invictus*, que em latim significa invicto, é o nome de um poema do poeta inglês William Ernest Henley.

¹⁸ Para informações completas sobre os jogos da Copas do Mundo de Rúgbi de 1995, acesse <http://www.rugbyworldcup.com/statistics/season=1995/history/matchlist.html>

Mandela vai ao jogo vestindo a camisa 6 de Pienaar e um boné dos Springboks. Era a coroação de seus esforços e o passo decisivo em seu propósito de construir a nova nação com a ajuda simbólica do rúgbi. Ao adentrar ao estádio, uniformizado, a torcida canta em uníssono “Nelson, Nelson”. No início do filme, apenas as crianças negras haviam gritado seu nome. Naquele momento, o reconhecimento da importância de Mandela transcendia raças.

Em paralelo com as imagens dos torcedores brancos e negros espalhados por todo o país em bares, praças e casas, a história do jogo final vai sendo contada. No momento do hino nacional¹⁹, que havia sido acrescido de uma parte em homenagem aos negros, todos os jogadores do Boks o cantam. Antes, é importante lembrar, muitos deles estavam relutantes em aprender o novo hino que seria, para eles, o hino “dos “terroristas”.

Enquanto vemos o desenrolar do jogo no estádio, temos cortes para uma cena entre um jovem negro engraxate e dois taxistas brancos. Este jovem se aproxima do táxi onde o rádio está ligado transmitindo a final da Copa. Inicialmente, os dois taxistas ficam visivelmente incomodados com a presença do garoto e até gritam para ele saia de perto deles. Com o decorrer da partida o garoto vai gradativamente se aproximando do táxi. Já na prorrogação, o garoto está no capô do carro. Nos minutos finais, ele está com uma Coca-Cola na mão, provavelmente paga pelos taxistas, escutando o jogo lado a lado com eles. Após a vitória, os três se abraçam e todos os taxistas do ponto levantam o jovem nos braços. Naquele momento, ele também era um vencedor. O esporte ganhou o jogo e aproximou pessoas que ficaram por muito tempo afastadas. A vitória dos Boks é, assim, uma metonímia para uma conquista maior, que é a de todos os sul-africanos, brancos e negros.

Ao final do jogo, após erguer a taça e ser ovacionado pelos presentes, Pienaar está em seu momento apoteótico. Poderíamos incluí-lo na seguinte definição: “O herói do dia, o homem, que num certo momento, atrai para si toda a atenção do público” (Sodré, 1988: 19).

Invictus começa mostrando a segregação racial existente entre brancos e negros quando da libertação de Mandela. E como o filme termina? Com imagens de jovens negros praticando o rúgbi, onde antes era jogado apenas o futebol. É a confirmação de como o esporte pode alterar uma realidade social. Esse final feliz de *Invictus* é também a prova de que o filme segue o modelo hollywoodiano, com a diferença que dessa vez a ficção realmente refletiu o que foi a realidade.

Os ídolos também são vitais nesse processo. Mandela e Pienaar possuem trajetórias, guardadas as devidas proporções, similares de superação das adversidades. Mandela superou o martírio da prisão e Pienaar contornou as constantes críticas da imprensa. Ambos são heróis, e como tal, redimem o seu

¹⁹ A África do Sul na época possuía dois hinos cantados consecutivamente: o hino do apartheid, *The Call of South Africa (Die Stem van Suid-Afrika)*, e o novo hino instituído por Mandela, o *Nkosi Sikelel' iAfrika*. Posteriormente, em 1997, uma versão resumida e combinada desses dois hinos passou a ser o hino oficial da nação sul-africana. Informações completas em: <http://www.info.gov.za/aboutgovt/symbols/anthem.htm>

povo dos erros e são modelos a serem seguidos no soerguimento de uma nova África do Sul. São idolatrias complementares, em que um não ofusca o brilho do outro, forjadas pela luta social em prol de um país unido. Isso é confirmado pela cena em que Mandela sobe ao pódio junto com os atletas para lhes entregar o troféu de campeão. Ele saúda o estádio e ao entregar a taça a Pienaar, lhe diz: “Quero agradecê-lo pelo que tem feito por nosso país”. Ao que este responde: “Não, senhor Presidente. Eu é que agradeço pelo que o senhor fez”. A nosso ver, o que torna a história de *Invictus* especial é justamente isso, a conjugação entre a importância dos ídolos e, em igual medida, do esporte para a mudança de um contexto social adverso.

Mandela, o poder de um mito

Na sinopse do filme apresentada anteriormente, percebemos a preponderância da figura de Mandela durante a narrativa da história. Por isso, é válido retratar sua história e os pontos em que ela converge com a saga do herói clássico. Nelson Rolihlahla Mandela nasceu em 18 de julho de 1918 em Mzevo, África do Sul. Madiba era o nome carinhoso pelo qual a população negra o reconhecia, uma referência a um título honorário utilizado pelos membros do clã de seu pai. Concluiu a graduação em Artes pela Universidade da África do Sul em 1942, tendo em seguida começado seus estudos para tornar-se advogado na Universidade de Witwatersrand. Saiu de lá sem graduar-se em 1948, só conseguindo seu diploma após prestar o exame de admissão em 1952.

Tendo ingressado no CNA (partido da maioria negra, mencionado no início deste artigo) em 1943, Mandela se engajou na luta contra o apartheid. Em 1944, ele participou ainda da fundação da Liga Jovem do CNA e ajudou a criar também o seu braço armado, o Umkhonto weSizwe (sendo também seu primeiro comandante-em-chefe). Por sua ativa participação na luta anti-apartheid, ele acabou condenado à prisão em algumas ocasiões. Em 1962, ele foi preso em definitivo, escapando da pena de morte em 1967, mas ficando aproximadamente 27 anos preso. Em junho de 1964, ele foi transferido para a prisão da Ilha de Robben, mostrada em *Invictus* durante a visita dos jogadores do Springboks. Mesmo da cadeia, ele continuava a ser uma referência para os negros e para o CNA na luta contra o regime segregacionista sul-africano. Sua libertação veio apenas em 1990 no governo de F. W. de Klerk, como já falamos no início do artigo, e em 1994 tivemos sua eleição para presidente. No ano anterior, 1993, juntamente com De Klerk, Mandela foi o ganhador do Prêmio Nobel da Paz por sua luta contra o racismo em seu país²⁰.

Já conseguimos vislumbrar como a história de vida de Nelson Mandela reproduz a saga do herói. “A narrativa clássica em torno da figura do herói fala da luta, superação de obstáculos aparentemente intransponíveis e de redenção e glória de um povo” (Helal, 1998). Assim como na história de muitos outros ídolos²¹, ainda que em outras áreas de atuação, sua vida particular problemática

²⁰ Informações obtidas no site oficial de Mandela:

<http://www.nelsonmandela.org/index.php/memory/views/biography/>

²¹ Ver Helal e Coelho (2006) e Gorito (2008).

é superada pela figura pública. Isso fica evidente em Mandela, quando em uma de suas caminhadas matinais, ele pergunta a Hendrick, um dos seguranças brancos, se sua família ia bem. Hendrick responde afirmativamente e devolve a mesma pergunta para Mandela. Este é assertivo: “Eu tenho uma família enorme. 42 milhões”. Mandela fica visivelmente abalado com a pergunta. Ele coloca a nação, sua esfera pública, no lugar da família, sua esfera pessoal. O próprio John Carlin no prefácio de *Invictus* reconhece esse status de Mandela, ao afirmar que deseja criar um “livro protagonizado por um herói de carne e osso” (Carlin, 2009: 11). Mandela também se encaixa na descrição de herói de Sodré (1988: 19), segundo a qual: “ Todo homem que se distingue pela força de caráter, grandeza de alma, virtude elevada”.

Após ser eleito presidente, Mandela se apropria do r gbi para promover a integração nacional e criar uma identidade única para o povo sul-africano que emerge do período pós-apartheid. Ele v  na Copa do Mundo em especial uma oportunidade única de seu país se mostrar ao mundo. No filme, ele afirma: “Um bilhão de pessoas nos assistindo? Essa é uma grande oportunidade”. Mandela sabia o quanto a conquista da Copa representaria para o seu povo. No filme, antes da final da Copa, e diante de uma possível derrota, ele é assertivo ao dizer: “Ainda não é suficiente. Este país tem fome de grandeza”.

Mandela não foi o primeiro a perceber o potencial unificador do esporte. O esporte em outras oportunidades já foi usado com um elemento simbólico para unir o povo. Traçando paralelos com a realidade brasileira, tivemos o caso do uso do futebol pelo Estado Novo e pelo regime militar com os mesmos propósitos de construir a identidade da Nação. Nesse sentido, encontramos suporte na afirmação seguinte: “Nations are what their citizens imagine them to be, and nation-building occurs not only through political and economic processes, but also in cultural and symbolic contexts”²² (Farquharson e Marjoribanks, 2003: 43).

Mandela acreditava firmemente no poder revolucionário do esporte. Pelo esporte era possível conseguir uma abordagem não racial para promover a unidade nacional, a integração e a coesão social. Carlin relata que em dada ocasião Mandela afirmara que “o esporte tem o poder de mudar o mundo [...] o poder de unir pessoas que têm pouco em comum” (Carlin, 2009:12). Essa sua relação próxima com o esporte era reflexo de sua própria paixão por praticá-lo. Em *Invictus*, o livro, vemos que Mandela praticava boxe e gostava muito de correr, inclusive em sua cela na ilha Robben, onde cumpriu parte de sua pena. Na prisão, foi onde, para melhor compreender seus “inimigos” e também para cativ -los, Mandela começou a aprender os rudimentos do esporte preferido dos africanos, o r gbi. Isso fica evidente na seguinte passagem do livro de Carlin:

Sittert [o oficial responsável pela ala do presídio onde Mandela estava preso] era fanático por r gbi. Então, Mandela que não tinha interesse especial por esse esporte, decidiu se preparar para a visita mensal do major aprendendo tudo sobre o jogo. Nos jornais, leu as páginas

²² *Tradução*: Nações são o que os seus cidadãos imaginam que sejam, e a construção da nação não ocorre apenas através de processos políticos e econ micos, mas também em contextos culturais e simbólicos.

sobre rúgbi pela primeira vez na vida, assistiu aos programas esportivos na TV e estudou detidamente todas as notícias recentes, para que pudesse conversar com o major sobre sua maior paixão de forma razoável (Carlin, 2009: 44).

Também na prisão, como nos é relatado no livro *Invictus*, vemos amplificado o poder extraordinário que Mandela possuía de extrair o que há de melhor em cada pessoa e de persuadi-las a seguir sua vontade. Esse “poder” é retratado no livro como um dom inato, aproximando-o das categorias do tipo mana. Mana seria “a característica das coisas indizíveis, atributo daquilo que é mágico” (Mauss, 1974²³, apud Helal e Coelho, 1996). Outros fatores presentes em Mandela, como sorte, carisma e talento natural, também podem ser descritas como do tipo mana.

Voltando ao aspecto histórico, a eleição de Mandela e sua política de governo não-racial, que encontrou seu ápice na Copa do Mundo de Rúgbi de 1995, foram vitais para a recuperação da imagem desse país e, de certa forma, de todo continente. Nas palavras de Thabo Mecki, sucessor de Mandela na presidência: “A contribuição sul-africana para o renascimento do continente africano seria a transformação da própria África do Sul, em um ‘democratic, non-racial, non-sexist, prosperous and peaceful African country’” (Döpcke, 2002: 150²⁴).

Acreditamos que a trajetória de vida de Nelson Mandela representa um micro-cosmo da história sul-africana. Daí, sua relevância em abordá-lo aqui. Os percalços vividos por esse herói eram compartilhados por outros milhões de sul-africanos.

Considerações Finais

Não basta dizer que [o cinema] é arte construída. Temos que perguntar: construída para quem e em conjunção com quais ideologias e discursos? Nesse sentido, a arte cinematográfica é uma representação não tanto em sentido mimético quanto político, de delegação da voz (Gorito, 2008: 7).

Invictus não é apenas mais um filme hollywoodiano, no sentido estrito do termo. Ele delega “voz” a atores sociais normalmente negligenciados. Sua contribuição para a divulgação do episódio da final de 1995 é inegável. Foram necessários 14 anos para aparecer um filme que retratasse um fato marcante não somente da história sul-africana, mas sim, da história mundial. É também, principalmente, um conto do incrível poder do esporte. O rúgbi, como repetido em todas as partes deste artigo, é protagonista de um dos momentos mais importantes da história da África do Sul.

²³ MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a Dádiva”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

²⁴ Thabo Mbeki em discurso no jantar de gala da União das Sinagogas Ortodoxas (Union of Orthodox Synagogues), 27/1/1999, citado originalmente em: Barrel, H. Africa Watch Back to the future: Renaissance and South African domestic policy, *African Security Review*, v. 9, n. 2, 2000.

A África do Sul percebeu a importância do capital social legado por esses eventos e passou a disputar a possibilidade de sediá-los sempre que possível. Outros megaeventos esportivos como o Campeonato de Críquete, a Copa Africana de Nações, a Copa do Mundo Feminina de Futebol e a Copa do Mundo Masculino de Futebol, deram continuidade a esse processo de construção simbólica da nação e merecem estudos mais detalhados (mesmo que ainda não tenham feito filmes sobre eles).

Por mais que discutamos se os ganhos da Copa do Mundo de Rúgbi de 1995 foram reais ou não para a África do Sul, o fato é que *Invictus* nos fala da superação de diferenças, da união de um povo, da importância dos heróis e da capacidade simbólica do esporte de promover a construção da identidade de uma nação. São esses valores e sentimentos que o filme pretende reproduzir e mostrar aos seus espectadores.

É válido lembrar que o exemplo sul-africano não termina com o episódio da final de rúgbi mostrada em *Invictus*. Ele continua nos anos seguintes, na forma da reintegração social, cultural e econômica dos negros. Os rumos trilhados pela África do Sul continuaram “sinalizando o caminho para as novas nacionalidades do século XXI” (Guimarães, 1999: 114).

Como últimas palavras, podemos reafirmar a importância de *Invictus* como produto cultural e a necessidade de entendê-lo dentro de um contexto histórico-social específico. Sem a contextualização feita ao longo deste texto, teríamos apenas uma compreensão superficial da mensagem que o filme pretende passar.

Referências

- ALEXANDER, Neville. Cidadania, identidade racial e construção nacional na África do Sul. (trad. por Norberto Guarinello e João Henrique Costa). **Tempo social**. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 113-129, nov/2006.
- ANSELL, Amy. Casting a Blind Eye: The Ironic Consequences of Color-Blindness in South Africa and the United States. **Critical Sociology**, v. 32, n. 2-3, p. 333-356, 2006.
- BERGER, Sebastien (20 out. 2007). Black and white reality of South African Rugby. **Jornal The Telegraph** [online]. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/1566765/Black-and-white-reality-of-South-African-rugby.html>
- CARLIN, John (trad. por Teresa Carneiro). **Conquistando o inimigo: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul**. 1ª Edição, Sextante: Rio de Janeiro, 2009. 272 p. Original: *Playing the enemy: Nelson Mandela and the game that made a nation*.
- CHADUNELI, Besik. La evolución del rugby: de deporte violento a deporte regulado. *Rev. Cienc. Salud*. **Revista Ciencias de la Salud**, Bogotá, v.5, n.2, p.116-121, jul/set 2007.

-
- COELHO, Maria Cláudia e HELAL, Ronaldo. A indústria cultural e as biografias de estrelas: as histórias de Babe Ruth e Tina Turner. **Cadernos Pedagógicos e Culturais** - Centro Educacional de Niterói, v.5, n.1/2, 1996.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol. **Revista USP**, São Paulo, v.22, , p. 10-17, 1994.
- DÖPCKLE, Wolfgang . Há salvação para a África? Thabo Mbeki e seu New Partnership for African Development. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 45, n. 1, p. 146-155, 2002.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa, Difel, 1992.
- FARQUHARSON, Karen e MARJORIBANKS, Timothy. Transforming the Springboks: Re-imagining the South African Nation through Sport. **Social Dynamics**, v. 29, n.1, p. 27-48, 2003.
- GORITO, Andrea. De alegria do povo à estrela solitária: a história de Garrincha nas telas do cinema. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008. **Anais**. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte /Intercom, 2008, p. 1 -15.
- GRUNDLINGH, Albert. From Redemption to Recidivism? Rugby and Change in South africa During the 1995 Rugby World Cup and its Aftermath. **Sporting Tradition**, v. 14, n.2, p. 67-86, Maio/1998.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 39, p. 103-117, Fev/1999.
- HELAL, Ronaldo. Campo dos Sonhos: esporte e identidade cultural. **Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**, Santa Maria, v. 3, p. 70-81, 2000.
- _____. Idolatria e Malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. **Revista da Intercom**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 24-39, 2003.
- _____. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. **Motus Corporis** (UGF), Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.
- INVICTUS. [Invictus]. [USA]: Warner Bros Pictures, 2009. Filme. Drama. 134 min., color.
- REVISTA IRB RUGBY READY**. Irlanda, 2010.
- SANTOS, Renata. **O que foi o Apartheid na África do Sul?** Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/foi-apartheid-africa-sul-533369.shtml>. Acessado em 29 novembro 2010.
- SCHNEIDER, Jens. Discursos simbólicos e símbolos discursivos:considerações sobre a etnografia da identidade nacional. **Mana**, vol. 10, n. 1, p. 97-129, 2004.
- SODRÉ, Muniz. **Best Seller: a literatura de mercado**. 2º ed., Editora Ática, São Paulo, 1988.

VAN DER MERWE, Justin. Comparing South Africa's hosting of the rugby and cricket world cup: lessons for the 2010 football world cup and beyond. In: **Simpósio WISER, CUBES, HSRC e Instituto Goethe**. Universidade de Witwatersrand. Setembro, 2006.

_____. Leadership and nation-building: the prominence of the succession debate and 2010 in the South African social imagination. **Conflict Trends** [online], África do Sul, 2008 Disponível em: <http://www.accord.org.za/publications/conflict-trends/downloads/420-conflict-trends-20072.html>